

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

MARIANA MICHALICK VASCONCELOS DINIZ

**ADOCIMENTO HUMANO NA ERA MODERNA A PARTIR DA PERSPECTIVA
EXISTENCIAL**

BELO HORIZONTE

2021

MARIANA MICHALICK VASCONCELOS DINIZ

**ADOCIMENTO HUMANO NA ERA MODERNA A PARTIR DA PERSPECTIVA
EXISTENCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

BELO HORIZONTE

2021

150
D585a
2021

Diniz, Mariana Michalick Vasconcelos.
Adoecimento humano na era moderna a partir da perspectiva existencial [recurso eletrônico] / Mariana Michalick Vasconcelos Diniz. - 2021.
1 recurso online (31 f.) : pdf
Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.
Coorientador: José Paulo Giovanetti .

Monografia apresentada ao m Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.Doenças. 2.Modernidade. 3.Psicologia existencial.
I.Evangelista, Paulo Eduardo Rodrigues Alves.II.Giovanetti, José Paulo. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

ADOCIMENTO HUMANO E PERDA DE SENTIDO DA VIDA NA ERA MODERNA A PARTIR DA PERSPECTIVA
EXISTENCIAL

MARIANA MICHALICK VASCONCELOS DINIZ

monografia defendida e aprovada, no dia **seis de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador

FAFICH/UFMG

José Pulo Giovanetti

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 26 de outubro de 2021.

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 26/10/2021, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1042576** e o código CRC **674ABFCB**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Paulo Evangelista por sua disponibilidade e sensibilidade ao me orientar na condução e produção deste trabalho. Agradeço também a Professora Claudia Lins, pela oportunidade de conhecer o curso e por todo o seu carinho, compreensão e dedicação ao longo do processo.

Dedico esse trabalho a meu Pai, Orestes Diniz Neto, que hoje não está mais entre nós, mas que continua vivo em meu coração, como minha maior referência de humano e profissional. Razão de minha escolha pela Psicologia e com quem tive meus maiores aprendizados na vida.

Obrigada, Pai, por fazer nascer em mim o desejo de seguir o meu caminho em uma tentativa de contribuir para um mundo melhor, tal como você sempre fez.

RESUMO

O presente trabalho visa contribuir para reflexões dentro do campo Psicologia, a partir de uma tentativa de maior compreensão acerca do adoecimento existencial e da perda de sentido de vida vivido pelos indivíduos na era moderna. A discussão se dá a partir de uma perspectiva existencial, com enfoque nos fenômenos que compõe a era da técnica e a era do consumo na atualidade. Para tal reflexão, no primeiro capítulo contextualiza-se de modo crítico o cenário de enfoque. No segundo capítulo, é apresentada a contemporaneidade como Sociedade do Cansaço, na qual advêm certos modos de adoecimento existencial vivido. Indicam-se possíveis saídas para a superação de tal mal-estar em massa. Segue no trabalho as considerações finais, que apresentam perspectivas para uma vida com mais sentido, considerando a necessidade e urgência de se abordar o tema em questão, tema esse, que vem se tornando cada vez mais presente no cenário atual de nossa sociedade.

Palavras-chave: existência; adoecimento; perda de sentido.

ABSTRACT

The present work aims to contribute to reflections within the field of psychology, based on an attempt to better understand existential illness and the loss of meaning of life experienced by individuals in the modern era. The discussion takes place from an existential perspective, focusing on the phenomena that make up the era of technique and the era of consumption today. For this reflection, the first chapter critically contextualizes the focused scenario. In the second chapter, contemporary is presented as the Society of Fatigue, in which certain modes of existential illness lived are bound to happen. Possible ways are indicated for overcoming such mass malaise. The final considerations follow, presenting perspectives for a life with more meaning, considering the need and urgency to address this topic as a theme that has become increasingly present in the current scenario of society.

Keywords: existence; illness; loss of meaning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
2 ANÁLISE DA CONTEMPORANEIDADE: ERA DA TÉCNICA.....	14
2 IMPACTO DA TÉCNICA NA CONTEMPORANEIDADE: <i>A SOCIEDADE DO CANSAÇO</i>	22
3 POSSIBILIDADES PARA A VIDA NA ERA DA TÉCNICA.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma tentativa de reflexão frente ao adoecimento humano e a perda de sentido vivenciados pelo homem na era moderna, essencialmente marcada pelo cultivo da técnica e do consumo. Compreende-se que a humanidade, tal como a conhecemos hoje, envolta por suas grandes e “desenvolvidas” sociedades, conquistou impensáveis patamares no que diz respeito ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia, da linguagem, e das mais diversas áreas de conhecimento. Confluindo-se em grandes polos econômicos, culturas e sociedades que criam ordem e sentido à experiência em comum que todos nós compartilhamos, a vida humana.

Não é surpresa que um longo caminho foi percorrido pelas sociedades até a época atual, o homem modificou o mundo que habita, exerceu direta influência sobre a realidade, mas também por ela, influenciou-se. De fato, o homem prosperou ao garantir a continuidade e o desenvolvimento da espécie como um todo em termos de sobrevivência, de organização e de possibilidades de realizações. Mas, esse homem, esse ser, não se configura apenas por seu exterior, ele é fora, mas também é dentro. O ser é condenado não só um mundo, mas bem como a ser em si mesmo.

Nesse sentido refletiremos agora a relação que o homem moderno vem estabelecendo com si mesmo e as implicações dessa relação com os outros seres e com o mundo. Desde os primórdios da sua existência, o homem debruçou-se sobre o sentido de seu existir, fez uso da religião, da razão e da ciência em inúmeras tentativas de solucionar essa questão. Dentro do contexto religioso, procurou a compreensão de sua existência através da narrativa, que de modo mítico, dava sentido a sua existência; na razão, usou a compreensão dialógica, buscando compreender o sentido da existência na própria existência, e, por fim, chegamos ao imperativo atual de pensamento, a ciência, que propõe o paradigma do materialismo como orientador de nosso mundo.

Nesse pequeno recorte de pensamento, evidenciamos que embora o progresso atingido seja notável, a consternada insatisfação vivenciada pelo homem moderno, que amparado em diferentes formas de compreender a si mesmo e o mundo, orienta-se por valores que para ele são tidos como fundamentais a partir de sua compreensão do que é fundamental. Alinhando-nos ainda a compreensão exprimida pela perspectiva existencial, o homem como um ser-á, seria então primordialmente um sujeito que nasce aberto para o mundo e as suas infinitas possibilidades e a ele caberia arcar com a sua existência, sendo responsável pela construção do

significado do seu existir em seu constituir a partir de suas experiências enquanto sujeito em interação com esse mundo. Exerce a todo momento o seu existir e ao ato de escolher, pois não escolher, também é escolher.

A angústia moderna experienciada em diferentes dimensões pelos indivíduos tem se mostrado intimamente relacionada com as mudanças estruturais da sociedade contemporânea, mudanças essas que introduziram valores como o individualismo, consumismo, primazia do saber científico e técnico e alienação da esfera pública. O homem é cada vez mais instruído a competir, a não sentir e a também não mais agir por si. A sociedade manipula o desejo primário de pertencimento e reconhecimento do homem a uma padronização de comportamentos e correspondências visando a realização de apenas uma das partes, que claramente não é a humana.

Tal cenário retrata a meu ver, a destruição e desqualificação de valores humanos que nos são fundamentais à realização de quaisquer questões existenciais. A liberdade, um valor intrinsecamente autêntico é vendido como um conjunto predeterminado de escolhas que interessam as instituições capitalistas, que retiram dos indivíduos a reflexão sobre o que é estar e ser no mundo. Outro ponto é o fato de se impelir projetos que são alheios ao indivíduo, estéticos, sociais, relacionais e profissionais que tornam a existência sem sentido, sentido esse que só pode emergir do pleno uso e gozo da liberdade com responsabilidade.

Esses aspectos aparentam derivar fundamentalmente do mascaramento da escolha existencial que projeta uma imagem de um mundo de escolhas sem consequências no qual a liberdade não é moderada pela responsabilidade, mas, sim, pela necessidade de correspondência a critérios sociais ideais, criando assim uma subjetividade narcisista, egoísta, egocêntrica e primordialmente esvaziada de sentido e de significado. Campo esse, fecundo, para o desenvolvimento do adoecimento existencial em múltiplas ou se não, em todas as suas esferas.

As ciências humanas, filosofia, sociologia e, em especial, a Psicologia, buscam desde o de seu surgimento a compreensão desse homem, de suas ideias e do mundo social que habita. O ser humano é um ser dotado de consciência, de pensamentos e de interação, assumindo um aspecto interrelacional ao ser é capaz de reconhecer o outro, se reconhecer no outro e se relacionar com o outro, transformando-se como um ser único, que carrega em si suas próprias impressões e sentidos, de modo a ordenar cada uma de suas vivências e processos simbólicos e subjetivos de elaboração em sua relação com si, com os

outros seres e com o mundo.

No entanto, nos é válido ressaltar novamente que esses seres já vêm ao mundo atravessados por um contexto singular e único. Nascem em uma determinada época, em uma determinada família e com um determinado nome. Antes de mesmo de agir no mundo, certos aspectos contidos em suas vidas já estão permeados pelos atravessamentos do mundo social que todos habitamos enquanto membros de um mundo com sociedades altamente sofisticadas.

Seguindo essa lógica relacional, podemos pensar que o ser nascido na modernidade, nasce em um tempo de sucesso do domínio da tecnologia e da ciência moderna, como dito anteriormente. Tal contexto tem resultado no ser, inegáveis efeitos colaterais, observa-se como relevante e urgente o fato de que a era moderna promove um contato direto, contínuo desses sujeitos, principalmente os ocidentais, com o mundo do funcionamento capitalista regido a partir da lógica das grandes massas. O mundo ao qual o ser humano é lançado, dele excessivamente tem feito exigências, é primário a necessidade de se adequar aos modos de ser e agir, cultivados e aprovados pelos valores da sociedade em que habita. Os reforços a correspondência desse ideal de homem moderno, são dos mais cruéis aos mais sutis, moldado tudo e a todos a ser parte de um todo regido por normais, leis e regras.

A era da globalização une as fronteiras territoriais de todo o mundo e aparece como um importante marco dentro da era moderna. A informação torna-se pela primeira vez acessível aos seres repletos de seus infinitos e diferentes modos de ser. A diversidade é real, ou deveria ser. Pois, no momento em que os grandes veículos midiáticos circulam as informações, há de pensar no não altruísmo nesse ato, atenta-se que por trás desses grandes veículos, a um imperativo intencional, consumista e capitalista. A mídia encontra-se intimamente relacionada com a sociedade imediatista de consumo e da não satisfação com a vida tal como ela é.

De fato, devemos validar a ideia de que seria impensável uma sociedade que não cultivasse regras e normas que a organizasse. Seria infrutífero a ausência de culturas e valores que norteassem os indivíduos a um caminho. A questão problemática, no entanto, diz respeito ao excesso de mecanismos sociais que por muito alienam esses seres humanos, que perdem dentro de si, sua real essência humana, de ser verdadeiramente humano, passível de erros, falhas, dor e sofrimento. O homem moderno tem vestindo-se da triste premissa, a de “ter”, para ser.

A sociedade do espetáculo exige alegria, exige sucesso e exige glamour. A desejada

felicidade parece estar localizada na capacidade de correspondência do mundo exterior, que carrega valores materiais e de status de modo a alienar e distanciar muito indivíduos da inegável realidade de que o ser humano inicialmente é um ser livre, dotado da necessidade e da capacidade de construir a si mesmo, arcando com a responsabilidade de suas próprias e conscientes escolhas.

Afinal, o que define o homem como propriamente humano que não sua capacidade e habilidade de fazer-se humano? A palavra “ser humano” traz em si um verbo de ação, assim só se pode ser essencialmente humano, no momento que o homem se faz humano. No momento em que o homem toma o reconhecimento de si, do valor de si, do valor do outro que lhe é igual e exerce com autonomia suas responsabilidades de ser e estar aqui, esse homem alcança a liberdade que lhe foi dada, independente de quaisquer que sejam os entornos que possam condicionar a sua ação em alguns aspectos.

Deve-se arcar com a angústia do existir, que traz sim um peso a existência dos homens, não é banal angustiar-se com a ideia de ter tantos caminhos para poder seguir qual seria então o melhor caminho a seguir. As infinitudes de escolhas disponíveis no mundo não trazem nenhuma certeza, portanto criam-se certezas. Certezas essas que intimamente estão ligadas ao desejo humano de reconhecimento e pertencimento, mas que por muitas das vezes, o convidam a exercer modos condicionados de existir, que por efeito distanciam o ser de si, alienados e inventivamente condenados ao vazio de não ser.

Ao abordamos novamente os processos subjetivos que constituem os indivíduos, nos cabe o entendimento de que o homem é um ser orientado por uma hierarquia de valores, valores esses que o orientam e que lhe são fundamentais para a construção do sentido de suas vidas. Ora, se por um lado esse processo de construção nos é claro, contínuo e presente, nos cabe ressaltar a necessidade de uma nova significação de nossos valores, que orientam o ser a um fim, e que tanto contradizem a instancia feroz de que o homem é um fim em si mesmo.

A sabedoria presente na ética cultivada pelos primeiros pensadores, as virtudes ensinadas pelas religiões ou a política praticada pelos antigos povos que tanto confluíram para o desenvolvimento máximo das sociedades contemporâneas está sendo descartada. E o homem em seu lugar de “poder” nem ao menos isso percebe, e se percebe muito pouco faz para que se saia desse processo de destruição medíocre. Sim, o mundo moderno dispõe de um indizível aparato de saber, mas de todo o conhecimento acumulado dele parece não fazer uso. Seria

utópico e demasiadamente romântico pensar que o sofrimento não faz parte daquilo que nos torna propriamente humano, muito embora nem sempre façamos o que é humano, e nesse movimento erroneamente erramos.

A sociedade obedece a uma cruel lógica de poder e de relações essencialmente abusivas entre o ser e o meio. O modo de funcionamento das grandes instituições a níveis globais, tem inseridos valores pobres de sentido e que até mesmo de modo coercitivo inserem-se em âmbitos profundos da relação que os seres humanos estabelecem com si, os objetificando, os moldando e os limitando. Há uma exigência de pertencimento que é claramente abusiva, estigmatizante e preconceituosa. O sentimento de vergonha de ser quem se é alastra-se em muitas das mentes que hoje habitam a terra.

O cenário de adoecimento e da perda de sentido atual nos indica algo. A crise vivenciada pelo homem moderno faz com que questões antes resolvidas voltem a ser levantadas e novamente pensadas. A vida contemporânea tal como tem se destrinchado continuará fadada ao vazio, ao adoecer. Contradizer tal realidade, em sua prática, terá seus verdadeiros desafios, pois o sistema de funcionamento moderno ainda está condenado a ser como é. A conscientização dos seres humanos demanda uma larga escala de contato e longo prazo e a realidade crua e atual escancara que a sociedade tão imediatista não mais tem conseguido esperar.

Mais um aspecto preocupante diz respeito aos dispositivos modernos de silenciamento da dor, dor essa que abafada e cruelmente negada esvazia-se por dentro de todo o ser. Na medida em que o homem perde o senso crítico de questionar o mundo tal como se apresenta, ele nega o progresso primordialmente de si. Enganados em fantasias ilusórias, o homem se perde em seu desespero de não se sentir. Mas a ninguém isso deve mostrar, regressivamente lembramos do homem primata e selvagem, ausente de sua consciência e reflexão.

Compreendo por fim que o estímulo e o exercício constante de conscientização e esclarecimento do homem moderno diante de sua vida o conduzia a um caminho no mínimo mais promissor, libertando-o ironicamente de amarras criadas por ele mesmo. A habilidade de ressignificar os valores atuais e de exercer mais virtudes humanas, é introduzida ainda por vieses falhos, por sistemas culturais, sistemas familiares, sociais, culturais e políticos limitados que obedecem a uma lógica já instaurada e que mesmo quando bem intenciona ainda nos é extremamente limitada.

Tendo a pensar que o caos instaurado na atualidade contradiz a premissa inicial clara de pensar que o mundo só será um melhor lugar para a mim na medida em que esse mundo

também for um melhor lugar para o outro, afinal fazemos todos parte do mesmo mundo. Um mundo competitivo, individualista e capitalista, que não mais carrega em si valores essenciais à manutenção da saúde humana. Saúde esta que tem sentido múltiplo, considerando que de nada adianta a manutenção de uma vida irrealizada.

Se somos seres psíquicos, biológicos e sociais, atento-me de modo crítico e preocupado ao risco eminente que a esfera social tem apresentado a seres tão dotados e investidos de potenciais. Pois, na medida em que somos seres complexos de interação, somos também ação e reação. Diante do grande cenário de transformações vivenciado pela nova era moderna e pelas notáveis e lamentáveis consequências para a vida dos sujeitos, questionar ao que o homem moderno tem tanto reagido me parece uma possível direção para novos olhares e discussões que possam impelir algum tipo de mudança.

É lamentável a supremacia de valores e de culturas que desconsideram o valor humano presente em cada um dos seres humanos. Nesse momento, recordo-me do conceito de transcendência e lamento-me pela inabilidade das sociedades humanas de o fazerem. Para aprofundarmos mais tal pensamento, farei uso do pensamento filosófico, que traz em si o sentido desse conceito como algo que possui um fim externo e superior a si mesmo.

A capacidade de transcender a valores modernos, pode ser pensada como a ação de transcender a algo. Os valores enquanto ordenadores de sentido e de ação do homem em sua vida podem ser entendidos como as leis máximas que guiam o seu pensamento e o seu modo de agir. Há em cada ser humano uma hierarquia de valores, uma ordem de valores na medida em que as coisas constituem uma determinada importância e muito embora a sociedade tente conduzir uma ordem a ser seguida um movimento contrário ainda pode ser exercício.

Na medida em que o homem elucida a si mesmo, as virtudes máximas humanas, como um norte a seguir, é nele instaurada a possibilidade de viver a vida apropriando-se de um mundo com valores mais justos e mais humanos. A atitude de transcender os valores alienantes possibilita ao ser o encontro de algo maior, da ordem do mundo das ideias, que supera a sua experiência do mundo material. Mesmo que a sociedade não seja boa, ele continuará sendo bom; para ele o valor máximo é a bondade. Mesmo que a sociedade esteja roubando, ele não roubará; para ele o valor máximo é a honestidade.

Homens capazes de orientarem todas as suas ações alinhadas aos seus valores máximos para o exercício do seu viver tendem a ser homens realizados em si mesmos. A lucidez, que por muitos foi perdida, faz-se presente naqueles que seguem ações pautadas em

valores justos no mundo, pontuando que a palavra “justo”, tal como aqui se apresenta, terá um mais valor amplo de sentido, pois carrega em si a disponibilidade de, além de pensar em si e no outro, pensar também no mundo. A consciência de cada um dos meus atos de agir faz o mundo do outro, tal como também faz o meu, já que desse mundo nós pertencemos.

2 ANÁLISE DA CONTEMPORANEIDADE: ERA DA TÉCNICA

O homem enquanto um ser-no-mundo vai adquirindo ao longo da história o seu próprio modo-de-ser e de estar no mundo. A civilização ocidental ainda em seus primórdios cultivou a ideia de que o papel do homem no universo era o domínio do ente, o domínio de tudo aquilo o que diz respeito ao mundo e a todas as coisas que nele habitam, inclusive o próprio homem. Tal tipo de domínio tem o seu princípio a partir do trabalho do intelecto em definir o existente, a partir da decisão metafísica sobre a essência do ente e da verdade do ser, tendência essa que tem a primazia de sua expressão e de acabamento no pensamento cultivado pela técnica. (CRITELLI, 2002).

Para Martin Heidegger (1959, apud CRITELLI, 2002) a ciência e a técnica são fenômenos autônomos, mas que possuem uma mesma origem, ambos se fundam na decisão metafísica sobre a essência do ente e a verdade do ser, pensamento esse que remete a Platão e Aristóteles. A decisão metafísica determina o caminho no pensamento a ser seguido e assim o elege, determinando o princípio e o caráter de uma época.

A decisão da metafísica sobre o ente e a verdade do ser é fundada primordialmente, segundo Heidegger (1960 apud CRITELLI, 2002), pela atitude interpretativa do ente enquanto objeto. Os entes estão no mundo como meras coisas, como tudo aquilo que tem manifestação concreta, tangível, abstrata, incorpórea e virtual, sendo a compreensão de sua verdade correspondente à definição que o intelecto constrói a seu respeito, a partir da objetividade. Há uma tendência, desde a antiguidade, de aplicar a compreensão do conceito de ente à compreensão do conceito do ser, na medida em ocorreram tentativas de firmar um acordo implícito que fundasse uma interpretação a respeito do ser, uma determinação: o ser seria noção, juízo, o conceito de ente. (CRITELLI, 2016).

Assim, o conceito de ser vem sendo tomado como uma ideia dos entes, uma definição que é construída a partir de um método (indução e dedução) e comprovado ou não pelo pensamento lógico, de modo a aderir uma definição ou juízo produzido de modo científico. Nesse sentido, o que tem sido importante ao pensar é a mensuração e o cálculo do ente, considerando-se este o único meio de garantir e assegurar a sua manifestação. A observação, classificação, generalização, previsão e controle dos entes passam a ser aplicados enquanto obras do cálculo da Razão. Tudo aquilo que pode ser apreendido nesse processo metodológico passa a ser entendido como real (CRITELLI, 2008).

A técnica antiga, cultivava uma característica particular, a atitude de desvelamento de algo, trazendo à luz o que estivesse escondido. Tal saber pode ser encontrado em um artista, em um artesão ou em um pensador, na medida em que esses⁵ revelam algo. Com o advento das ciências modernas, a técnica contemplada na atualidade sofre uma modificação estrutural, deixando de ser desvelamento para ser intervenção, produção. O elemento técnico permite ao homem o controle das forças presentes na natureza, assegurando-o uma certeza de que o seu processo de produzir poderá ser repetido e sustentado sempre que necessário. (HEIDEGGER, 1972, apud CRITELLI, 2002). Adentra-se, assim, ao sentido da palavra técnica, que vem da palavra *téchne* e que designa o ato de possuir conhecimento na produção. Por sua vez o ato de produzir diz respeito à manifestação, ao acesso e à disponibilidade de algo, que, até então, não se encontrava presente.

O produzir, enquanto elemento próprio da técnica, realize-se de modo singular, no Ocidente (CRITELLI, 2002). Assim, para Heidegger (1972, apud CRITELLI, 2002) a vocação técnica vivida pelo ocidente deve ser compreendida para além de um conjunto de aparelhos ou de instrumentos como um modo de fazer, de agir do humano. Isso na medida em que os processos produtivos não se limitam apenas à interferência do homem nos processos da natureza, mas, sim, a todos os âmbitos de sua vida.

Em toda parte, impera a interpelação provocadora, asseguradora e calculadora. Vieram já os tempos em que a produção de energias se estendeu até a fabricação de elementos e materiais que nem ocorrem na própria natureza (HEIDEGGER, 1972, p. 14, apud CRITELLI, 2002, p. 86).

Com isso, a técnica expande-se para todos os territórios percorridos hoje pelo homem moderno, de modo a imprimir uma relação subordinada a ela em sua relação com o mundo e tudo que dele provem. A exemplo, pode-se pensar nas florestas, que perdem a sua condição primordial de serem florestas e passam a ser vistas como reservas de madeiras para a indústria, as plantas como reservas para a produção de remédios e os rios como reservas para o uso das hidroelétricas e produção de energia. É válido entender que tal força pertence de fato a natureza, no entanto a manipulação de seu recurso é mais do que desvelada, é controlada e manipulada pelo homem segundo o seu interesse. (CRITELLI, 2002).

O novo modo de ser cotidiano é determinado pela técnica moderna, passando essa a ser uma convocação ao homem contemporâneo em seu modo de dirigir-se para a sua realidade e a sua existência. Pois, muito embora, ocorra nele o desvelamento, como presente na técnica antiga, há, em seguida, a intenção de apoderamento de sua descoberta.

A representação do ente, tem acontecido na medida em que o homem lança o olhar para a lente que olha para o real e o requisita a partir dela. Ajusta-o à medida dessa lente e lança o real diante de si como objeto dessa provocação interpretativa de modo a controlar a possibilidade de manifestação do real. A tal poder de interpelação, todo o existir do homem passa a ser subordinado. E é justamente essa essência da técnica a da vida compartilhada pela sociedade moderna, perpassando seu modo de pensar e caracterizando seu modo de ser (CRITELLI, 2002).

Para Heidegger (2002), a técnica moderna tem essencialmente por objetivo e estrutura o cálculo e o controle, propiciando a intervenção e garantido o resultado. Tal atitude tem sido universalizada no trato de todas as questões que envolvem o homem, sejam elas religiosas, pessoais, amorosos, educacionais etc. O seu devir é justamente servir a tudo e a todos indiferentemente. Faz-se um apelo ao ser, pois na medida em que o agir técnico tem dado ao homem a sua essência, extinguem-se novas possibilidades de cuidar de nosso ser-no-mundo e que, quando tão precárias, resultam na processualização do existir (CRITELLI, 2002).

Há de se pensar que os objetos oriundos da técnica habitam nosso cotidiano, estando sempre disponíveis para seu uso. Na medida em que tais objetos são usados, o próprio processo que os gerou é colocado em andamento. Assim ao utilizar produtos da técnica, atualiza-se e dá-se vida a ela. Por exemplo, o uso do avião ou do computador: ao utilizá-los, ambos cumprem aquilo que se propuseram a ser. A técnica é, portanto, uma proposta de um modo de ser também para a existência. Modo esse assegurado pelo cálculo e pelo controle (CRITELLI, 2016).

Assim, Heidegger (1972, apud CRITELLI, 2002) entende que a técnica, a partir de seus aparelhos, nos convoca e nos traga. Ela aparece em nosso horizonte enquanto uma *armação*, uma estrutura na qual o nosso existir contemporâneo tem aparecido na medida em que por ela somos requisitados. A técnica enquanto *ethos* do homem moderno faz com que ela acabe por se tornar a dimensão ontológica de nossa própria humanidade, possibilidade e limite. A condição ética da técnica aparece em seu próprio devir, interferindo, processando, calculando, assegurando e controlando o real. E é justamente esse seu comportamento que assume um exercício de dominação (CRITELLI, 2002).

Para Heidegger (1972, apud CRITELLI, 2002) a humanidade, em sua caminhada, acabou por esquecer-se do ser, da irrefutável certeza de que o ser é na verdade tudo, o que falamos, o que projetamos, o que cuidamos. Na medida em que o homem se submete ao *modus* operante da técnica e de seus equipamentos, esse homem, além de se deixar dominar

por ela, configura-se como dominador e afasta-se de sua essência enquanto ser. Dentro dessa lógica, a liberdade para existir é abandonada, pois a técnica jamais será capaz de ser tocada pelo ainda não dito do ser, pelo seu mistério e ineditismo (CRITELLI, 2002).

Nesse sentido, o ser será sempre as possibilidades descobertas nos entes com os quais nos empenhamos a realizar. O ser é o possível do mundo e todos nós, possível esse inegavelmente entregue aos nossos cuidados e responsabilidade. O ser é além de todas as possibilidades encontradas entre os entes, como o próprio destino do homem, que carrega em si o imperativo de não determinação, o poder-se ir a ser. O perigo que a técnica manifesta e nos ameaça é justamente o desatentar dos seus não ditos, e assim a possibilidade de o homem perder-se de seu ser mesmo, esquecendo-se do exercício fundamental do pensamento do sentido (CRITELLI, 2002).

Para ampliar e aprofundar a nossa reflexão acerca da era da técnica manifestada na atualidade, atentemo-nos a outros aspectos presentes em nossa contemporaneidade que acabam por reforçar a difusão desse modo de estar no mundo, dificultando a disseminação de novas possibilidades do existir humano. Hannah Arendt (1981, apud CRITELLI, 2008) em *A Condição Humana*, compartilha a visão de que a presença dos homens no mundo se constitui pelo exercício de suas atividades. Atividades essas que, desde os tempos de Aristóteles, foram divididas entre dois grupos, as correspondentes a vida do espírito ou a vida contemplativa, envolvendo o ato de pensar, querer e julgar, e as atividades correspondentes a vida ativa, envolvendo por outro lado, o labor, o trabalho e a ação.

Respectivamente:

1. A atividade do labor que visa atender às exigências ou fins da condição humana da Vida Biológica: preservar a própria vida, individual e da espécie, e satisfazer as necessidades vitais.
2. A atividade do trabalho atende a condição humana da Mundanidade, que é a de construir sobre o mundo natural um habitat, ou seja, um mundo artificial, de artefatos, que perdure por gerações.
3. A ação que visa corresponder a vida humana da Pluralidade, o fato originário dos homens viverem em conjunto, e a condição inerente a essa, que é a singularidade, o fato de cada homem ser um ser exclusivo e irrepetível. A ação humana visa permitir esse viver em conjunto e diz respeito aos negócios humanos.

Para além dessas condições humanas, Arendt (1981 apud CRITELLI, 2008) atenta-se a uma outra, essa vinculada a Ação, que é a condição da Natalidade, referindo-se ao nascer do homem enquanto indivíduo singular em uma comunidade humana. O ser nasce enquanto um ser aí, um ser lançado ao mundo, mas a um mundo já existente, pois apenas com seu nascimento, o ser humano, mesmo sem saber ou querer, já instaura uma nova rede de relações entre todos aqueles que já viviam no mundo. Tal condição introduz e possibilita o novo, sendo igualitários, o ser e o agir (CRITELLI, 2008).

Uma outra condição inegável à condição humana é a sua temporalidade. O existir humano acontece em três tempos, passado, presente e futuro, somos, fomos e seremos. Tal fato impele o nosso constante aprontamento diante da vida e de suas possibilidades, a nossa condição humana nos chama a todo o momento (CRITELLI, 2008). Heidegger (1997, apud CRITELLI, 2002) reflete acerca desses três universos temporais, indicando que dentre todos, o que de fato nos coloca em mobilização é o futuro, na medida em que ao entrarmos em contato com ele, emergem os apelos e os sentidos aos quais miramos o nosso fazer ao passo daquilo que queremos realizar.

O futuro, a partir de nossa vivência no presente, nos coloca, antes de tudo, em conexão imediata com o tempo do passado, pois é com a vivência de um tempo passado, vivido, que o registro de todas as experiências realizadas e ou afastadas molda-se. Para além disso, verificasse também algo referente ao modo de fazer, de pensar, de falar e de sentir, sendo esse resultado de um viver historicamente construído, no qual o hoje é a consolidação de respostas ao passado e anseios ao futuro. Esses modos de fazer constituem a nossa tradição. A história humana é mesmo uma resposta humana ao tempo (CRITELLI, 2008).

Assim, as respostas que o homem deu aos anseios do futuro, consolidaram no hoje a tradição concretizada em que vivemos, nosso modo e lugar em nossa existência, que hoje é o de uma Sociedade de Massas. Sociedade essa que tem cultivado o foco no liberalismo, com a finalidade de acumulação de riquezas, na medida em que essa deixa de ser um modo para garantir a preservação da vida humana e o de suas necessidades vitais e passa a ser um fim em si mesma. Nesse movimento, surge o que é chamado de Capital, essencialmente alimentado pela produção de riqueza capaz de se manter enquanto um processo, portanto, permanentemente sem um fim (CRITELLI, 2008).

O esquema da produção e do consumo postula apenas o crescimento para o próprio produtor ou detentor dos meios de produção, na medida em que o consumidor não constrói sua

riqueza por via do consumo, embora esse pareça configurar-se para ele enquanto de tal conquista (CRITELLI, 2008). Nesse sentido, o consumo – e não a riqueza – aparece enquanto a finalidade para o consumidor, dominado pelos ideais postuladas pela conhecida sociedade capitalista e vendido a preço de capital a todos os membros que dela padecem e que a ela desejam o pertencimento.

A próxima característica a ser destacada frente a uma sociedade de massas diz respeito justamente ao aspecto responsável por sua nomeação como tal: a massificação. Esse aspecto esse que tem como consequência inegável a produção da mesmidade. Espera-se que com um emprego, os indivíduos tornam-se equivalentes entre si, compartilhando dos mesmos valores, interpretações de vida, anseios, juízos, desejos, linguagem e atitudes. O que parece esperar-se então, diz respeito um mesmo modo de existir, a ser adotado por todos, mas por ninguém em particular (CRITELLI, 2008). Em uma palavra, surge cada indivíduo se torna o *Impessoal*.

Para corresponder a tal lógica instaurada, toda ação humana ou gesto que se configure em novas interpretações do ser, de modos de ser, é reprimido. E a repressão de tal ação assume o mesmo sentido do que a repressão da liberdade ontológica dos homens. Os apelos do futuro não devem ser ouvidos e nem novas maneiras de corresponder a eles escolhidas. Assim, a sociedade de massas é indiscutivelmente regida pelo controle do consumo, dos modos-de-ser, dos fins e dos processos gerais da existência (CRITELLI, 2008).

A formação de opinião tem se mostrado em nossa atualidade como um forte recurso de controle. Nesse contexto, a constituição da interação traçada pela mídia, pela burocracia e pela escola, que emergem e agem enquanto canais de circulação de informação e ferramentas básicas necessárias à modelagem da estrutura social e dos modos-de ser, supostamente individuais.

Há ainda a última condição humana à qual Arendt (1981 apud CRITELLI, 2008) denomina de “condicionamento”, pois, na medida em que, para a autora, tudo aquilo que adentra a nossa realidade e perdura entre nós torna-se parte de nossa condição humana, é justamente a própria humanidade dos homens que vai se transformando e se redefinindo. Tal condicionamento, acontece também em relação aos valores cultivados pelo homem.

Nesse sentido, destaca-se para além da era da técnica, a era do consumo. Mais uma tendência compartilhada pelo comportamento vigente na era moderna. É essa uma postura assumida que parece assumir a orientação, o modo-de-ser comum a todos nós. Dentro da lógica instaurada atentemo-nos ao fenômeno da saciedade, que aparece com outro nome: felicidade.

A sociedade atual vivencia o mito da felicidade com o sentido de saciedade. Tal aspecto é, no entanto, de uma experiência humana que não pode ser objetivada, medida ou catalogada. A felicidade é, na verdade, uma medida abstrata que carimba ou autentifica o caminho pelo qual estamos seguindo, a partir de nossos gestos, conquistas ou decisões (CRITELLI, 2008).

Mas o imperativo moderno de definição faz-se presente, transformando a felicidade em algo palpável e mensurável, e a saciedade se verifica enquanto fenômeno predominante. A verdade é que a saciedade como algo em si mesma diz respeito a um estado provisório e, portanto, passageiro, vislumbrando um meio que consiste no consumo de algo. Tal saciedade tem correspondido a satisfação dos desejos, apetites, necessidades, caprichos e objetivos, sendo o corpo, propriamente a fonte daquilo que se sacia, satisfazendo sua sede, fome, desejo, frio, calor, reconhecimento e companhia (CRITELLI, 2008). Esse processo é interminável, na medida em que seu funcionamento se retroalimenta em um infinito de possibilidades enquanto um movimento da vida biológica.

Assim, enquanto um fenômeno inesgotável, o próprio consumo para saciar-se é aquele que gera novamente a mesma condição que promoveu o ato de consumir. Há, assim, nesse movimento biológico, o estabelecimento de um ciclo eterno entre a saciedade e a falta. E é a estrutura presente no esquema social de produção e consumo quem se beneficia dessa falta, produzindo a cada momento e cada vez maior a sensação de falta para provocar o consumo. Assim, a relação falta-saciedade vai alastrando-se para todas as outras áreas da vida humana, para além do que propriamente serviria à necessidade biológica de satisfação. Dentro dessa lógica, tudo passar a ter de ser consumido, incluindo as relações pessoais (CRITELLI, 2008).

Nesse cenário, o consumo, enquanto ente dominante, exime as possibilidades do ser frente ao processo da reflexão. A vida contemporânea exige do ser, da existência cada vez mais tempo em sua vida para que esse consiga consumir tudo aquilo que a sociedade a oferta enquanto bem maior (CRITELLI, 2008). E, desse modo, os homens se mantêm submissos ao funcionamento desse consumo, e, portanto, alienados de si mesmos, na medida em que o seu agir não mais se encontra em um lugar transcendental de realização pessoal. Renuncia-se à procura do homem frente a sua própria humanidade, pertencente a esfera contemplativa, que de modo intuitivo permite que o ser se manifeste tal como pode vir a ser em suas possibilidades em seu mundo.

Há uma urgência em nos atentarmos à tradição presente em nossa atualidade, tradição essa que tende a propagar tanto a vigência de uma era técnica, quanto a de uma era do consumo. São esses tipos de relações estruturais e enraizadas no nosso sistema cultural atual que concomitantemente contribuem para o afastamento do ser do real de si e do real presente no mundo. O consumo, enquanto modo de existir amparado a um agir técnico, implica a não realização do sujeito enquanto ser aberto a experiências autênticas, de dar sentido a sua vida e de estabelecer o próprio sentido de sua vida pautado na sua própria hierarquia de valores construída a partir da sua vivência enquanto um ser singular que é sozinho, mas que também é com o outro e com o mundo.

Diante do exposto, seguiremos agora na análise dos efeitos existenciais desta abertura epocal da Era da Técnica. Para isso recorreremos a autor da obra *A sociedade do cansaço*, Byung-Chul Han (2015), que é um filósofo sul-coreano e professor de Filosofia na Universidade de Berlim. Han constrói sua reflexão de modo extremamente crítico e atual, retratando os adoecimentos que marcam a era da modernidade ao longo de sete capítulos. Segundo ele, cada uma das épocas vivenciadas pelo homem é marcada por suas enfermidades particulares. Assim a seu ver, o século XXI é marcado pelas doenças de esgotamento.

2 IMPACTO DA TÉCNICA NA CONTEMPORANEIDADE: A SOCIEDADE DO CANSAÇO

No início de sua obra o autor faz uma constatação referente ao medo que tínhamos de uma pandemia gripal, fato hoje consolidado ao vivenciarmos a pandemia do COVID-19 em esfera mundial. Embora o momento atual que vivemos seja crítico, Byung-Chul Han tem como lógica em seu raciocínio toda a conquista do homem já feita frente a técnica imunológica e ao desenvolvimento da ciência como um todo, pois com a descoberta dos antibióticos e o controle frente à época bacteriológica encerrou-se ou ao menos controlou-se e amenizou-se esse tipo de adoecimento. Assim voltamos nosso olhar, para aquilo que o homem não mostra qualquer domínio, uma era adoecida do ponto de vista neuronal.

Para Han, as doenças neuronais manifestam-se a partir de quadros patológicos, sendo alguns deles bem presentes no cenário atual, como a depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, distúrbios da personalidade e Síndrome de *Burnout*. Doenças neuronais essas, não causadas por infecções ou problemas imunológicos, mas, sim, como consequência do excesso da positividade oriundo dos valores cultivados pela sociedade moderna em que vivemos.

O século passado, foi uma época marcada pelo cenário militar e de guerra, consolidando uma época imunológica delimitada por padrões definitivos, divisões nítidas entre dentro e fora, amigo e inimigo, próprio e estranho. A ação imunológica surgiu como modo de ataque e defesa, no entanto ultrapassou o aspecto biológico do campo e para além dele, inscrevendo e enraizando no âmbito social um tipo de cegueira, pois dentro da lógica da defesa, deve afastar-se tudo aquilo que nos é estranho. Assim, a estranheza enquanto aspecto essencial da defesa imunológica elimina todo e qualquer objeto estranho, apenas por ser alteridade.

Vive-se, no entanto, hoje, uma quebra desse paradigma, na medida em que a sociedade tem se afastado cada vez mais do esquema e modelo de organização de defesa imunológica, sendo caracterizada pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza. A alteridade é o ponto fundamental da imunologia, já que qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade. O elemento que entra em cena é a diferença, que não provoca nenhuma reação imunológica, segundo Han (2015). A diferença pós-imunológica ou pós-moderna não adocece, há nela a ausência de estranheza, aspecto esse que se modifica em fórmulas de consumo.

Os estados patológicos são resultados do excesso de positividade. A violência provém não apenas da negatividade, mas sim da positividade, não do estranho, mas também do igual. A partir daí surgem novas formas de violência no mundo, violências essas que não partem do outro imunológico, mas que são parte do sistema. Possuem o aspecto da imanência e assim não evocam nenhum tipo de defesa imunológica. O tipo de violência neuronal que leva ao infarto do aspecto psíquico é assustadoramente imanente. Assim, constitui-se uma alteridade radical, que não se pode ver, nem sucumbir.

A violência neuronal, escapa assim a qualquer ótica imunológica, não há nenhuma negatividade, que possa ser acessada. Por resultado, a violência viral, que segue o esquema imunológico, não tem mais condições de descrever enfermidades neuronais, como a depressão, TDAH ou SB. Tais sofrimentos psíquicos apontam para um excesso de positividade, representam o excesso de igual e a massificação do que é positivo.

Segundo Han (2015), na sociedade atual, os hospitais, asilos, prédios, quartéis e fábricas (analisados como disciplinares por Foucault) cederam lugar a academias fitness, escritórios, bancos, aeroportos, shoppings e laboratórios. A sociedade do século XXI deixou de ser uma sociedade disciplinar para se tornar uma sociedade do desempenho. Os membros dessa sociedade não mais são chamados de sujeitos da obediência, mas, sim, de sujeitos do desempenho e da produção. Tornaram-se empresários de si mesmos.

Deve-se pensar que o poder ilimitado é o novo verbo modal da sociedade de desempenho, a própria afirmação plural, “*Yes, we can*”, indica de modo preciso o modo de positividade dessa sociedade. O projeto, a iniciativa e a motivação, ocupam o lugar da proibição, do mandamento ou da lei. A sociedade disciplinar marcada pelo não, que resulta em loucos e delinquentes, dá lugar a sociedade do desempenho, que em direção contrária, produz depressivos e fracassados. A técnica disciplinar ou o esquema de proibição chocaram seus limites, assim, o paradigma do desempenho ou o esquema positivo de poder é inserido ao se mostrar mais eficiente para ocupar esse lugar.

Há, por consequência, a mudança realizada pelo inconsciente social entre o dever e o poder. No entanto, o poder não impede o dever, o sujeito do desempenho continua disciplinado, ele é inclusive mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. A depressão por esgotamento não se dá, no entanto, pelo imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas sim pela pressão de desempenho. Por exemplo, a síndrome de *Burnout* não expressa o si-mesmo esgotado, mas sim a sua alma consumida.

O homem depressivo é essencialmente um animal *laborans* que explora a si mesmo, é assim agressor e vítima simultaneamente. A depressão se esquia de todo e qualquer esquema imunológico. Esse tipo de depressão irrompe quando o sujeito de desempenho não pode mais poder. É o princípio de cansaço de fazer e de poder. É justamente uma sociedade que incita ao sujeito que tudo é possível, que carrega em si a lamúria de que nada é possível ao depressivo. Assim, o não-mais-poder-poder leva o sujeito a uma autoacusação destrutiva e uma autoagressão, está sempre em guerra com si mesmo, sendo o sujeito inválido de tal batalha interna.

Nesse sentido, a depressão é mesmo o adoecimento de toda uma sociedade que vive sob o excesso de positividade. Esse sujeito está livre de ser explorado por instâncias externas, mas está submisso a si mesmo. Tal fato, faz inclusive com que a coação e a liberdade coexistam, pois o homem se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. A liberdade é paradoxal e em decorrência de suas estruturas coercitivas acaba por se transformar em violência. Assim ressalta-se que os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são manifestações desse tipo de liberdade.

Um fenômeno de manifestação do excesso de positividade aparece como um excesso de estímulos, informações e impulsos, e modifica de modo radical a estrutura de economia da atenção, que se fragmenta e se corrói. A técnica temporal que surge, também em decorrência da sobrecarga de trabalho é a multitarefa, que não representa um progresso da civilização, muito pelo contrário, indica um retrocesso. A multitarefa é essencial à manutenção da vida dos animais em estado selvagem, que em decorrência de todos os perigos da selva, devem estar atentos ao se alimentar e ao cuidar de sua prole e seu parceiro a todo momento.

As mais recentes evoluções sociais e as mudanças da estrutura da atenção, tem aproximado cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem. A preocupação pelo bem viver tem cedido lugar pela preocupação por sobreviver. As ações culturais da humanidade, da qual a filosofia faz parte, exigem do homem uma atenção profunda, de ordem contemplativa. No entanto, tem-se caminhado para a direção oposta, na medida em que a atenção tem se tornado cada vez mais dispersa, caracterizada por uma rápida mudança de foco entre as mais diversas atividades, fontes informativas e processos.

Para Hannah Arendt (apud Han, 2015), a *vita activa* foi resumida à agitação. Ela indica a possibilidade da ação do próprio nascimento em si dando ao agir uma ênfase heroica.

O milagre está presente no próprio nascimento do homem e no novo começo, pelo caráter nascido, aos homens caberá realizar o seu novo começo pela via da ação.

Para Arendt, a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, tem aniquilado toda a possibilidade de agir, degradando o homem a um animal trabalhador. O agir que ocasiona novos processos, não se expressa no homem moderno, que, em contramão, está passivamente exposto ao processo anônimo da vida. Além disso, o pensamento também se degenera em cálculo como função cerebral. Assim todas as formas de *vita activa*, como o produzir e o agir, limitam-se ao nível do trabalho.

A autora percebe a humanidade findar-se em uma passividade mortal. Arendt vê sinais de perigo diante da possibilidade de o homem poder estar se transformando na espécie animal que ele descendeu desde Darwin. Mas a sociedade tem, na verdade, a sua individualização em uma sociedade de desempenho e ativa, o animal *laborans* pós-moderno pode tudo, menos ser passivo. Ele é tudo, menos animalesco, é na verdade hiperativo e hiperneurótico.

A perda da fé moderna diz respeito à própria realidade, que torna a vida humana intrinsecamente transitória. Não só a vida humana é transitória, mas tal como o mundo também é. Não há nada que prometa duração e frente a essa falta do ser surgem os nervosismos e as inquietações. Há um reforço diante do sentimento de transitoriedade, que desnuda a vida, tal como o trabalho. Há de se pensar em uma questão urgente, sustenta Han (2015), pois a sociedade pós-moderna do desempenho reduz a todos como vida desnuda. Considera- que nossa vida deve a todo custo ser preservada. Paralela a essa vida desnuda e transitória, reage-se com hiperatividade, histeria e trabalho.

Seria ingênuo pensar-se que quanto mais ativo o ser se torna, mais livre ele é, pois sem os instintos limitativos, o agir tende a se deteriorar na reação inquieta e hiperativa, prolongando apenas aquilo que já existe. Mas só por meio da negatividade do parar interior que o sujeito de ação é capaz de dimensionar todo o espaço da contingência que escapa a qualquer mera atividade. O fato de hesitar é indispensável para que ação não caia ao nível do trabalho. Porém, o futuro é encurtado e falta-lhe presença de negatividade, que a possibilitaria olhar para o outro.

O mundo, no entanto, em seu estado atual de crescente positivação, torna-se pobre em estados de exceção, de modo que, o estado de normalidade se torna totalitário. A positivação da sociedade enfraquece sentimentos como a própria angústia e o luto, que radicam a negatividade, vistos como sentimentos negativos. Considera-se assim que se o pensamento

fosse mesmo uma rede de anticorpos e de proteção imunológica seria a inexistência da negatividade o transformaria em um cálculo.

É importante dizer que a potência negativa diverge da mera impotência, ela é ao certo, a potência de simplesmente não fazer alguma coisa. Devemos pensar que, desprovidos da potência negativa de não perceber e possuindo apenas a potência positiva de perceber, estaríamos completamente expostos a todos e quaisquer estímulos e impulsos insistentes e intrusivos. Se desprovidos da potência de não fazer algo, cairíamos em uma hiperatividade fatal. Se tivemos apenas a potência de pensar algo, afirma Han (2015), o pensamento estaria disperso em uma quantidade infinita de objetos, não haveria possibilidade alguma de reflexão. A potência positiva apenas permite continuarmos pensando.

A sociedade do cansaço é uma sociedade ativa que funciona semelhante a uma sociedade do doping. Mas a expressão negativa “doping cerebral” é nela substituída pela expressão “neuro-enhancement”, que é melhoramento cognitivo. O doping possibilita desempenho sem desempenho. No doping, a própria vitalidade que é construída por um fenômeno complexo é reduzida em uma função de desempenho vital.

3 POSSIBILIDADES PARA A VIDA NA ERA DA TÉCNICA

Há de fato um descompasso frente o avanço das sociedades e o bem-estar daqueles que delas fazem parte. Os aspectos técnicos, científicos, políticos e sociais tem se sobressaltando frente ao indivíduo, que massacrado pelo funcionamento da era moderna vê diante de si o desvalor de sua própria vida e de sua potência de vir a ser. Confrontados com a necessidade de sobrevivência, esses seres vem adequando sua própria existência aos moldes exigidos, performando modos de viver cada vez mais inautênticos.

A era da técnica possibilita o domínio do espaço e dos recursos que dele fazem parte, sendo, de fato, frutífera para a manutenção da vida atual, na medida em que ela se configura como facilitadora de nossas vidas e provedora de muitos avanços que garantem a qualidade de vida dos indivíduos. No entanto há, de modo fatídico, um excesso do uso frente a técnica que resulta na submissão do homem á um modo de funcionar criado por ele mesmo, modo esse, que insiste por codificar uma realidade, que em sua complexidade, não permite tão ação, o resultado então, é a incompletude de entendimento diante da vida. A vida vai sendo vivida a partir de uma existência que é rasa.

Envoltos de suas certezas categóricas, o homem mina o seu próprio exercício de liberdade, de não saber e de não ser. Respondemos ao imperativo de felicidade adquirindo bens, cargos e status. Cada vez mais queremos mais e precisamos de mais. O sistema de consumo e das sociedades de massas necessita que estejamos sempre insatisfeitos, ademais, ele perderia sua força de domínio e opressão. Pensamos que somos livres, quando na verdade já o deixamos de ser há tempos.

A era do desempenho moderno – a Sociedade do Cansaço – acaba por condenar o homem a ser ele mesmo, mas não é essa uma condenação que apresenta em si a liberdade de fazer-se, o homem é condenado a ser ele mesmo em um constante exercício de aprimoração visando em primeiro lugar a sua capacidade de gerar recursos que sejam minimamente atrativos para o desenvolvimento da sociedade. A competição instaurada entre os seres, que a todo momento instiga que devem uns superar aos outros, mina a potência de solidariedade, respeito e valorização das formas de diversidade tão fundamentais a vida humana.

Assolados com o vazio de ser, o homem moderno urge, mesmo que silenciosamente, por ajuda. Ajuda essa que visa a possibilidade de uma existência não mais pautada no esvaziamento do ser e, sim, em seu direito e sua necessidade de encher-se de si, de viver uma

vida realmente livre e autêntica, sem guiar-se por certezas ilusórias e modos operantes de ser ideais findados ao fracasso de existir e de construir um futuro em que cada vez modos de existir mais saudáveis se façam.

Mas como encontrar uma saída para um cenário tão complexo como esse? Como encontrar novas perspectivas que levem ao homem a uma vida com mais sentido? Bom, uma reflexão e maior conscientização do cenário que vivemos me parece um dos começos. Uma outra possibilidade se funda na potência contributiva da Psicologia enquanto uma ciência que visa a saúde do homem como um todo, e em especial, para tal discussão, a visão proposta pelo olhar existencial e fenomenológico, que tanto valorizam um olhar mais humano e menos sistemático ao homem.

É importante e válido pensarmos que se o funcionamento técnico se alastra para todo o cenário vivido pelo homem atual, ele também se alastra para todas as suas áreas de saber, incluindo a Psicologia. E, como visto anteriormente, há um perigo do uso excessivo da técnica, que por mais capaz de controlar e manipular resultados, impede que o desencoberto se manifeste. Ao falarmos sobre tal perigo nos atentando ao campo das relações humanas ele se torna ainda mais potente em termos de destruição.

Na medida em que tem se lançado um olhar calculista e determinista tanto nas áreas de saber quanto dos profissionais atuantes nela frente ao homem, seja por mera reprodução ou conforto de sustentação teórica (técnica), o desserviço para com a humanidade é concluído com sucesso. Se tentamos compreender um indivíduo sem levar em conta a sua valorosa individualidade estaremos por abarcar na lógica de funcionamento que tanto aqui nos opusemos.

O tecníssimo não deve superar a nossa humanidade. Devemos estar cientes da relação que temos estabelecido com a técnica, na medida em que nessa relação, possamos estar esclarecidos quanto ao seu papel e função, sendo válida enquanto meio facilitador ou orientado e não como determinadora e podadora de nosso agir. Caso contrário, estaremos nos condenando a viver na inércia, repetindo todo o padrão de funcionamento já existente, abafando aquilo que ainda está para ser, que ainda se mostrará caso lhe seja possível as mínimas contingências para tal.

Ao retomarmos novamente a necessidade de termos consciência frente ao cenário que vivemos, elucida-se assim, o fato de que muitos são os sujeitos que, privados da possibilidade de refletir acerca de seus modos de viver. Estes não têm ao menos a consciência da aniquilação

da potência humana em si que exercem a todo o momento em que condicionam o seu existir à correspondência de valores pobres de sentido de ser adotados para o pertencimento ao mundo social existente. Somente a possibilidade de acessar e compreender a realidade tal como ela é os daria uma saída real perante a alienação em que vivem, na medida em que então disporiam de uma verdadeira e agora consciente escolha. Há de responsabilizar o ser em seu fazer, mas há de dá-los meios para.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elucidação dos valores humanos é fundamentalmente necessária, apenas um homem consciente de si e dos valores aos quais é guiado, é capaz de estar concomitância com o seu agir. Um agir alinhado a correspondência de valores intrinsecamente humano, resulta em uma vida realizada ao longo de seu devir, não é nela necessário algo, o ser se realiza em si mesmo, no seu movimento para com si, para com as pessoas e para com o mundo em que habita. A satisfação está no exercício de ser quem se é, cultivando uma realidade em conjunto com aqueles que também são tal como são.

A relação que a sociedade imediatista tem estabelecido com o tempo torna-se demasiadamente preocupante, estamos sempre acelerados, temos de competir e vencer e nesse movimento acabamos por nos esquecer de viver. O ser humano passa assim a ser um meio para um fim e não o fim em si mesmo. Repensar a caminhada é tão importante quanto escolher o destino. A vida em sua complexidade, permeia sempre a imprevisibilidade, estamos sujeitos ao acaso e a partida, valorizar a nossa vida em progresso é fundamentalmente uma atitude heroica diante da vida.

O tempo de repouso, de discussão, diálogo e reflexão possibilita a manifestação da criação de um mundo que nos seja mais humano. Na medida em que nos reestruturamos enquanto seres que compartilham a experiência de sermos lançados a vida, a um mundo e nele arcamos com a nossa existência. Tal experiência já é por si só, demasiadamente assustadora e ainda insistirmos em torná-la angustiante e massacrante por demais. O movimento de mudança da relação do homem com sua vida acontece a todo o momento, de pouco e pouco, é o tempo do exercício de um novo movimento que vislumbrará no horizonte um novo futuro.

O presente trabalho busca essencialmente a reflexão do cenário em que se vive, ressaltando a necessidade de contribuição da Psicologia e dos profissionais da área de saúde, na medida em que o conceito de saúde é amplo e diz respeito a uma totalidade. Para começarmos a pensar a saúde mental de cada indivíduo da sociedade é fundamental entendermos os mecanismos operantes nessa sociedade na medida em que o homem é parte de todo esse sistema social.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A vita activa e a ação*. Ontologia da política. In: **Teorias da ação em debate**. São Paulo: Cortez, 1993.
- CRITELLI, M. D. A Técnica no Pensamento de Martin Heidegger. **Poliética**. São Paulo, v. 4, n. 2, pp. 25-35, 2016. Disponível em: <<https://ken.pucsp.br/PoliEtica/article/view/31420>>. Acesso em 08 jul. 2021.
- _____ Consumo e obediência: a desarticulação da liberdade. **Psicologia USP**, v. 19, n. 4, pp. 477-485, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41974>>. Acesso em 05 jul. 2021.
- _____ Martin Heidegger e a essência da técnica. **Margem**, n. 16, pp. 83-89, dez. 2002. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/margem/pdf/m16dc.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2021.
- DULCI, P. L. Do universo da precisão à serenidade do desvelamento: Heidegger e a questão da técnica. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 9, n. 1, p. 282-305, 2014. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/576>>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.